



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JALINE TOMÁZ DE ANDRADE

**ASPECTOS POLÍTICOS E SOCIAIS EM O *QUINZE* DE RACHEL DE QUEIROZ:
UMA ANÁLISE REPRESENTATIVA SOBRE O PERSONAGEM CHICO BENTO**

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2014

JALINE TOMÁZ DE ANDRADE

**ASPECTOS POLÍTICOS E SOCIAIS EM *O QUINZE* DE RACHEL DE QUEIROZ:
UMA ANÁLISE REPRESENTATIVA SOBRE O PERSONAGEM CHICO BENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^a. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes.

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A553a Andrade, Jaline Tomáz de
Aspectos políticos e sociais em O quinze de Rachel de Queiroz: [manuscrito] : uma análise representativa sobre o personagem Chico Bento / Jaline Tomaz de Andrade. - 2014.
28 p.

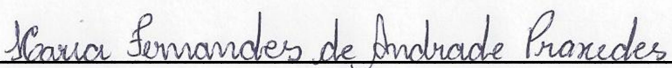
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Maria Fernandes Praxedes de
Andrade, Departamento de Letras".

1. O quinze 2. Retirante 3. Aspectos Sociais I. Título.
21. ed. CDD 869.93

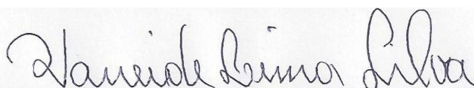
JALINE TOMÁZ DE ANDRADE

**ASPECTOS POLÍTICOS E SOCIAIS EM O QUINZE DE RACHEL DE QUEIROZ:
UMA ANÁLISE REPRESENTATIVA SOBRE O PERSONAGEM CHICO BENTO**

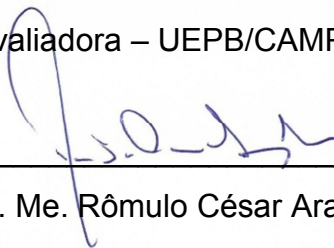
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Orientadora – UEPB/CAMPUS IV



Prof^ª. Dra. Vaneide Lima Silva
Avaliadora – UEPB/CAMPUS IV



Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima
Avaliador – UEPB/CAMPUS IV

Ao meu esposo, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À professora Marta Lúcia Nunes, coordenadora do curso de Letras, por seu empenho.

Ao Secretário da coordenação do Curso de Letras Francisco Bezerra Neto, pelo apoio nos momentos necessários.

À professora Maria Fernandes Praxedes de Andrade pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao meu pai José Tomáz Filho, a minha mãe Maria Francisca de Andrade Braga, aos meus irmãos Jacqueline, Francisco e Josenildo, pela compreensão durante minha ausência nas reuniões familiares.

A minha avó Maria Francisca de Andrade (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos professores do Curso de Letras da UEPB, em especial, Flávia de Sousa, Eliene Alves Fernandes, Melânia Farias, Carolina Coeli e Rômulo Lima, que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

(...) E se não fosse uma raiz de mucunã arrancada aqui e além, ou alguma batata-branca que a seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho, nessas estradas de barro ruivo, semeado de pedras, por onde eles trotavam trôpegos se arrastando e gemendo.

Rachel de Queiroz

ASPECTOS POLÍTICOS E SOCIAIS EM *O QUINZE* DE RACHEL DE QUEIROZ: UMA ANÁLISE REPRESENTATIVA SOBRE O PERSONAGEM CHICO BENTO

Jaline Tomáz de Andrade¹

RESUMO

Este trabalho, de natureza bibliográfica, tem como objetivo principal discutir alguns aspectos sociais em *O quinze* de Rachel de Queiroz, atentando para a representação do retirante dentro da literatura brasileira e a relação da obra ficcional com o mundo real. A autora da referida obra faz parte da geração de 30, movimento que deu origem ao romance regionalista cuja tônica é chamar a atenção para os problemas sociais da região Nordeste. *O quinze* traz à tona a fuga do homem sertanejo e a busca pela sobrevivência, além disso, denuncia o descaso do poder público com os menos favorecidos, sobretudo os sertanejos nordestinos. Para a realização deste estudo recorreu-se às reflexões teóricas de Benjamim (1975), Bosi (2006), Gonçalves (2006), Ribeiro (1995), Walty (1985), entre outros. Espera-se que esta pesquisa possa ampliar as discussões acerca dos problemas sociais que desestabilizaram e continua atingindo a vida de muitas famílias do nordeste.

Palavras - chave: O quinze. Retirante. Aspectos sociais.

INTRODUÇÃO

A temática da seca do Nordeste e os problemas provocados na população sertaneja ganharam destaque na literatura brasileira no início da década de 30, com o surgimento do romance regionalista. Os autores dessa fase abordavam a realidade política, social e climática da região, apoiando-se nas suas produções ficcionais para chamar a atenção da sociedade em relação aos problemas causados pela longa estiagem e a falta de recursos governamentais oferecidos à população. Assim como os autores José Lins do Rego, José Américo de Almeida e Graciliano

¹ Aluna de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba- Campus IV.
jalinekalahann@hotmail.com

Ramos, Rachel de Queiroz em *O quinze* apresenta a angústia e o sofrimento vivenciado pela população nordestina que devido à falta de recursos eram impossibilitados de viver na sua terra natal.

A autora destaca a seca ocorrida no ano de 1915, no interior do Ceará. Retrata a vida do vaqueiro Chico Bento e a marcha trágica vivenciada pela sua família, que tiveram que se deslocar para a capital no sonho de conquistar uma vida mais digna, já que as condições climáticas não favoreciam para a permanência na sua terra. Rachel de Queiroz dá ênfase às contrariedades sociais e aos descasos dos poderes políticos que pouco se mobilizou no enfrentamento dos danos provocados pela estiagem.

O referido trabalho tem por objetivo discutir as questões sociais pontuadas na obra *O quinze* de Rachel de Queiroz, atentando para a representação do retirante nordestino, evidenciado pelo personagem Chico Bento, que sofre com os fenômenos climáticos e o quanto relevante é esse feito vinculado às negligências do governo em relação à sociedade habitante nessa área. Tem por relevância destacar a proximidade da obra ficcional com a realidade, cabendo ressaltar que a literatura apresenta um contraste entre a representação do mundo real com o imaginário. Para a realização desse estudo, foram utilizados aportes teóricos que favoreceram a produção dessa análise, tendo por base a obra citada, e como apoio Benjamim (1975), Bosi (2006), Gonçalves (2006), Ribeiro (1995) e Walty (1985).

Este trabalho traz uma abordagem sobre o período de publicação do romance e a relevância do contexto com a realidade da época. O primeiro momento apresenta a contextualização do regionalismo na literatura brasileira, destacando o retirante como figura representativa do homem nordestino que tem por traços culturais a religiosidade, a resistência pela sobrevivência e a esperança por dias melhores. O segundo momento aborda a verossimilhança da ficção na obra *O quinze* de Rachel de Queiroz com a realidade, ou seja, a relação da obra ficcional com os aspectos factuais da região Nordeste, uma vez que, ao romance dá ênfase a um problema que assola a população sertaneja periodicamente e especifica as ações coronelísticas associadas aos poderes políticos, se beneficiando com as ajudas fornecidas pelo governo aos flagelados e deixando os sertanejos a dependerem da exploração de mão de obra barata.

1. O regionalismo na literatura brasileira: contextualização

O regionalismo surgiu no século XIX, momento em que o Brasil enfrentava sérios problemas políticos e sociais. Alguns autores, entre eles, Euclides da Cunha, Graça Aranha, Lima Barreto, entre outros, movidos pela literatura repetitiva europeia, acreditaram numa mudança literária para focalizar os assuntos que chocavam o país e buscaram na literatura uma forma de apresentar criticamente a verdadeira realidade do Brasil, abordando as questões públicas em modo de denúncia. Por esse ato foram vistos como pré-modernistas, sabendo “que se pode chamar pré-modernista [...] tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural” (BOSI, 2006, p. 306).

Era típico dos autores regionalistas utilizarem suas obras como recurso fundamental para tratar de questões sociais que o país enfrentava. Por meio dessa perspectiva, poetas e romancistas se apropriavam de uma linguagem simples e que apresentasse uma proximidade com a realidade brasileira, exercendo a função de denúncia de acontecimentos reais através da ficção, originando o romance regional e agregando valor às características do país. Cada autor a partir de sua produção dispõe características próprias para definir o mundo da ficção, apresentando um universo diferente ou verossímil com a realidade.

Incluídos na segunda fase do Modernismo, os autores Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo e José Lins do Rêgo foram os que obtiveram destaque nesse período, cada qual retratando sua região e representando a partir das suas obras ficcionais problemas relacionados às questões naturais, econômicas, políticas e as dificuldades enfrentadas pela sociedade brasileira, algumas destas dificuldades vivenciadas pelos próprios autores. A partir desses aspectos, o regionalismo foi destacado com suas individualidades, revelando um país de diversidades culturais.

1.1 O retirante brasileiro na fase do Neorrealismo da literatura

Os escritores da segunda fase do modernismo, que ficou conhecida como Romance de 30, lançam mão da temática que representa a figura do retirante no começo do século XX. Os autores dessa época utilizavam-se da literatura para

chamara atenção da sociedade sobre a problemática social e dos flagelos de uma determinada região, dando ênfase à região nordeste do Brasil, apontada como uma das regiões onde se concentra o maior índice de pobreza e miséria.

Durante essa fase a literatura obteve ampla influência social e cultural. Esse acontecimento foi atribuído aos autores que enalteceram os assuntos relacionados às dificuldades sociais enfrentadas pelos nordestinos, que devido aos fatores climáticos, se retiravam de sua terra natal para outras regiões do Brasil. A título de exemplo destacam-se *A Bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida, *O quinze* (1930) de Rachel de Queiroz, *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos, *Morte e Vida Severina* (1955) de João Cabral de Melo Neto, entre outros.

A bagaceira é a obra inaugural da segunda fase do Neorrealismo da literatura brasileira, abordando os problemas regionais e sociais, a obra passou a ser o marco da literatura social nordestina. “Creio que isso se deva não tanto aos seus méritos intrínsecos quanto por ter definido uma direção formal (realista) e um veio temático: a vida nos engenhos, a seca, o retirante, o jagunço” (BOSI, 2006, p.395). Contudo, a obra se destacou por abordar os assuntos sociais relacionados ao homem do nordeste, principalmente os problemas causados pela seca e as carências da sociedade, além de revelar os meios de sobrevivência dos retirantes que surgiam dos bagaços dos engenhos.

Posteriormente, em 1930, surge o romance *O quinze* que retrata a marcha trágica do personagem Chico Bento e sua família na paisagem do semiárido cearense no ano de 1915, evidenciando as circunstâncias de sobrevivência dos retirantes da seca. Da mesma forma, *Vidas secas* de Graciliano Ramos destaca a persistência da família de retirantes, dando ênfase às expressões intensas de detalhes peculiares da realidade. “O roteiro do autor de *Vidas Secas* norteou-se por um coerente sentimento de rejeição que adviria do contato do homem com a natureza ou com o próximo” (BOSI, 2006, p.402). Essa obra provoca o manifesto sob o olhar concentrado na vida de famílias desfavorecidas do nordeste brasileiro, analisando as perspectivas governamental, psíquico e social, bem como os aspectos naturais da longa estiagem e as desgraças sofridas pelos retirantes.

Dando continuidade a temática do retirante na literatura, João Cabral de Melo Neto lança o poema *Morte e Vida Severina*(1955), pertencente a terceira fase do modernismo. O poeta narra em muitos versos diversos temas sociais e a realidade do semiárido do estado do pernambuco. Embora tenha algumas semelhanças com

as obras dos autores regionalistas do romance de 30, o autor escrevia suas obras utilizando-se da narração em primeira pessoa, na qual eu lírico ou sujeito narrador narra suas vivências como retirante, fazendo uso de um estilo literário semelhante ao cordel, narrativas populares no nordeste do Brasil.

Na literatura, o retirante é narrado na figura de um homem que não tem oportunidades no sertão e em função dessa circunstância é submetido a fugir com a sua família, na esperança de distanciar-se das aflições causadas pela seca. “O herói opõe-se e resiste agonicamente as pressões da natureza e do meio social” (BOSI, 2006, p. 392). O homem de infinita força que vai aos poucos esmorecendo e perdendo o sentido da vida a cada dificuldade encontrada na sua caminhada, pois não há certeza de sobrevivência, nem de mudança, o que há é um coração ressequido de sonhos e de esperanças.

1.2 Homem, resistência e sobrevivência

O início do século XX foi marcado por muitas obras literárias que aborda a temática da seca como fenômeno natural, no qual descrevia os seres humanos e suas resistências para sobreviver aos castigos impostos pelo clima do sertão nordestino. Essa fase da Literatura foi nomeada como romance regionalista visto que tratava de uma determinada região, mais especificamente o Nordeste, designada como uma área onde se enfrenta os maiores problemas com a falta d'água, miséria, pobreza, fome, longa estiagem e o analfabetismo, e foi, portanto a partir destes aspectos que o Nordeste passou a ser visto, muitas vezes, como um lugar negativo e sem acréscimo algum para o país.

A seca é representada na literatura como a maior causadora de desigualdade social do ser humano, gerando insatisfações nos viventes e atribuindo a busca por um novo meio de sobrevivência. A falta d'água é a maior causadora de destruição. Destrói a terra, a vida e a esperança do homem nordestino, que em meio a tanto sofrimento julga a ação sofrida ser obra de Deus e isso não se discute, apenas aceita a realidade que lhe é imposta. Mesmo sofrendo, mesmo morrendo, o homem não deixa de almejar por chuva e por uma melhor condição de vida.

Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902), narra intensamente os acontecimentos ocorridos durante o conflito de canudos. Fato sucedido no interior da

Bahia. Descrevendo “o sertão baiano como área com leis climáticas próprias e um tipo humano definido, o sertanejo, que idealizou como homem forte, mistura de cavaleiro medieval e de vaqueiro romântico, “rocha viva”, sobre a qual se poderia criar o brasileiro do futuro” (VENTURA, 1998, p.65). Um sertanejo resistente aos efeitos da estiagem intensa que se alastrava pela paisagem árida do estado da Bahia.

A obra Euclidiana enfatiza a angústia severa do homem Nordestino, os aspectos sociais e a visão abrasadora do sol. “É moderna em Euclides a ânsia de ir além dos esquemas e desvendar o mistério da terra e do homem brasileiro com as armas todas da ciência e da sensibilidade” (BOSI, 2006, p.308). A revelação do esforço do homem em função de reagir aos efeitos catastróficos do meio natural no qual se está incluso.

Na obra *Vidas Secas* (1938), Graciliano Ramos destaca a paisagem sertaneja inteiramente desestruturada. Centralizado no sofrimento humano e a relação entre o homem originário do sertão nordestino e a terra, que passa a caracterizar o tema da seca a partir da necessidade do homem ter que se retirar para a região litorânea, passando da fase ficcional para o real. “Graciliano via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor” (BOSI, 2006, p. 401). A descrição da narrativa é tomada pela negação do sentimento humano em relação à natureza e à sociedade.

Rachel de Queiroz em sua obra *O quinze* (1930), caracteriza a figura do homem nordestino delineando as suas particularidades e que por causa da seca ver-se desventurado e insucessível na sua terra natal. Retrata a figura dos inocentes que nascem com o destino traçado a viver de sofrimento, presos a uma realidade infeliz e aborda o pesar que a seca causa no corpo, na alma e posteriormente no futuro do ser humano, o homem que tem seu corpo afligido pelos maus tratos da seca e as crianças em estado de calamidade humana.

2. O quinze de Rachel de Queiroz: ficção e realidade

A história literária no modo da ficção concebe realidades distintas. Particularidade que está associada ao atributo da narrativa, que instaura uma junção entre o universo factual e o imaginário. Sendo assim, a história “precisou passar pelo crivo de interpretações da vida e da história para conseguir dar um sentido aos seus enredos e às suas personagens” (BOSI, 2006, p.389).

Se as obras literárias fossem somente a relação com os acontecimentos reais, a literatura seria considerada uma escritura de fatos cronológicos, e se estivesse condicionada ao mundo imaginário, sem alguma ligação com os fatos reais, não haveria compreensão nem despertaria atenção de outras pessoas, que não fosse a percepção do próprio autor. Entretanto, é exatamente pela circunstância de delimitar-se entre o real e o imaginário, não se direcionando a um único caminho, que submete à literatura ser continuamente captada e apreciada no âmbito social, independentemente da época em que foi produzida.

Em *O quinze*, a autora apoia-se na ficção literária para abordar a realidade que a sociedade nordestina enfrentou no Ceará no ano de 1915, representado em toda a obra pelos personagens que assumiam posição factual, uma vez em que “a ficção [...] pode ser a saída, a libertação, a absoluta denúncia ou a reduplicação do real a que está submetida” (WALTY, 1985, p. 48). A autora estabelece ao leitor, através da ficção, evidenciar verossimilhanças com a realidade da época, revelando os problemas e as dificuldades enfrentadas pelos Cearenses.

O romance é narrado em terceira pessoa por meio de narrador onisciente que não participa da história, introduzindo aos poucos as características de cada personagem e adentrando no íntimo de cada um, desvendando seus pesares e reflexões. É caracterizada de uma linguagem simples e natural apresentando relatividade com a região, bem como sendo uma leitura dialética que desperta a atenção do leitor.

A autora da obra em questão trata da representação do homem nordestino que tem sua vida efetivamente danificada em virtude da seca e da fome, dados revelados em toda a obra. Rachel de Queiroz utilizou-se de sua produção para tratar de questões sociais e culturais da região Nordeste, enfatizando a história no seu contexto real, não se preocupando em dar lição de moral, mas apresentar a vida de retirante como ela realmente se apresenta.

Uma característica da autora é compor um narrador que não se desvia das experiências do contexto, das raízes, visto que a temática se apresenta voltada para a região do Ceará, mais especificamente para a seca de 1915, para isto “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIM, 1975, p. 201). Rachel de Queiroz revela a verdadeira identidade do

nordestino, usando de recursos ficcionais para atrair a atenção do leitor em relação aos acontecimentos e descasos da região.

2.1 A força da resistência de Chico Bento em *O quinze* de Rachel de Queiroz

Rachel de Queiroz na sua obra *O quinze*, destaca o personagem Chico Bento para representar os acontecimentos que assolaram a vida dos sertanejos durante a longa estiagem, revelando total veracidade nos fatos apresentados na história, enfatizando “quanta ficção esconde a chamada realidade e como, através da ficção, pode-se desvendar o real enquanto processo, fruto das relações dos homens entre si e com a natureza” (WALTY, 1985, p. 50). Sabendo-se que apenas “há realismo, numa obra, quando o seu conteúdo reflete, com o máximo de fidelidade, a realidade natural (física ou psicológica)” (AMORA, 2006, p. 87). Perceberemos por meio da peregrinação de Chico Bento e sua Família o quanto esse romance ficcional apresenta verossimilhança com a realidade dos sertanejos.

A triste trajetória de Chico Bento inicia-se através de uma carta enviada ao vaqueiro e sua família informando-o que se até o dia de São José não chovesse, teria que soltar o gado, pois a proprietária da fazenda já não dispunha de condições para sustentar o rebanho e não iria esperar maiores danos para tomar uma decisão. Assim Chico Bento poderia ficar na fazenda, mas não haveria serviço para ele. Costa Salieta que: “[...] alguns sertanejos reagiriam de modo diverso porém questionável. Abandonariam o gado e os empregados das fazendas, deixando-os à mercê da sorte (COSTA, 2005, p.52).

Os nordestinos que dependem do trabalho e de um lugar para morar nas terras alheias “sentem-se permanentemente ameaçados de se verem enxotados com suas famílias e de caírem na condição ainda mais miserável dos deslocados rurais” (RIBEIRO, 1995, p. 361). Sem sinais de chuva, era uma ação impossível tentar manter o gado e até mesmo a própria sobrevivência, dessa forma, Chico Bento viu-se obrigado a procurar novos rumos onde pudesse trabalhar e sustentar sua mulher e seus filhos.

O trabalho exercido pelo sertanejo, as duradouras estiagens do sertão e a falta de alimento para o gado faz do nordestino um ser dispensável, que está à

mercê do trabalho rural e dos proprietários de terra, circunstâncias que “conformaram não só a vida, mas a própria figura do homem e do gado” (RIBEIRO, 1995, p. 345). Desempregado e sem alguma esperança de chuva, Chico Bento decide partir com sua família rumo ao Norte com o pensamento ilusionista de que sua condição de vida melhoraria, afinal contavam-se histórias de retirantes que se deram bem na vida com a extração de borracha, diferente do sertão que não lhe despertava nenhuma expectativa de mudança.

Ao ser informado de que o governo estava ajudando as pessoas que desejavam partir para a capital, Chico Bento busca por ajuda e tenta conseguir algumas passagens de trem, mas é informado que não poderia adquiri-las, pois não dispunha de algo a oferecer em troca disso. Segundo Costa: “os socorros públicos destinados à calamidade seriam manipulados por agentes estatais que os administrariam de modo discriminatório e priorizariam os protegidos das autoridades” (COSTA, 2005, p. 55). Embora a ajuda fosse dada pelo governo, pessoas mal intencionadas usavam desse recurso indevidamente em favor daqueles que apresentassem maior poder aquisitivo. Refletindo sobre essa questão, Ribeiro lembra que:

Esses donos da vida, das terras e dos rebanhos agem sempre durante as secas, mais comovidos pela perda de seu gado do que pelo peso do flagelo que recai sobre seus trabalhadores sertanejos, e sempre predispostos a se apropriarem das ajudas governamentais destinadas aos flagelados (RIBEIRO, 1995, p.348).

Justificava-se que não havia mais passagens por que já estavam todas cedidas e reforçava dizendo: “... agora é que retirante tem esses luxos... No77 não teve trem para nenhum. É você dar um jeito, que, passagens, não pode ser...” (QUEIROZ, 2004,p.34). Esse comentário deixou Chico Bento inconformado e sem escolha, o vaqueiro teria que partir com sua família por terra.

O destino de retirante não estava nos planos de Chico Bento, nem mesmo sequer de qualquer outro nordestino que ama sua terra e sobrevive do que dela pode ser extraído. O único meio de sobrevivência do nordestino está a depender da vontade divina, e se não chove, a única esperança que ainda paira é a de fugir para a cidade grande para não morrer de fome e de sede, assim a retirada passa a ser uma questão de sobrevivência e não de escolha, despertando no homem “a idealização da vida em outras regiões do país, onde a vida é fácil e um homem, com

pouco esforço, pode comer fartamente e viver com dignidade” (RIBEIRO, 1995, p.360-361). Em meio a tantas desgraças e fatalidades causadas pela seca, o sertanejo ver-se obrigado a tomar novos rumos, com a esperança de construir um futuro diferente do que ele tem.

É evidente que “por mais anos ou gerações que permaneçam numa terra, o sertanejo é sempre um agregado transitório, sujeito a ser desalojado a qualquer hora, sem explicações ou direitos” (RIBEIRO, 1995, p.362). Assim, Chico Bento e sua família seguem na triste partida para o misterioso, em busca do novo e deixando o que era de velho para trás. O vaqueiro ainda levava consigo a carne de algumas criações que lhes restava, juntamente com alguns mantimentos que os assegurassem alimentados durante todo o percurso. O personagem de *O quinze* saiu em companhia de sua esposa, sua cunhada e seus cinco filhos, na esperança de esquecer-se das desgraças e do sofrimento causado pela seca.

O personagem Chico Bento é um exemplo de homem bondoso, caridoso, trabalhador, sofredor e que apesar de todos os males não se deixa abater, que mesmo em meio a tanto sofrimento não se deixa torturar pela desgraça da seca, no qual o maior exemplo está relacionado às atitudes demonstradas. A figura do homem nordestino generoso é apresentada num momento em que o vaqueiro encontra um grupo de retirantes que estavam prestes a alimentar-se com uma vaca que já havia morrido de uma doença e que já estava em estado de decomposição. Ao se deparar com aquela cena, o vaqueiro decide doar o pouco que ainda havia de alimento para não deixar aquelas pessoas se alimentarem de um animal podre: “— Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão!” (QUEIROZ, 2004, p.44). Dentro dessa perspectiva Costa enfatiza que:

Diante da situação de esgotamento dos alimentos costumeiramente utilizados, os sertanejos-retirantes alimentar-se-iam de cardos, raízes intoxicantes causadoras da cegueira ou da morte, palmitos amargos, animais encontrados mortos em consequência da fome ou de doenças [...] (COSTA, 2005, p. 53-54).

Defronte a situação Chico Bento nem pensou na falta que esse alimento poderia causar durante o restante do trajeto, o espírito caridoso pensava apenas em ajudar os que estavam na mesma batalha que ele.

Surge a angústia da primeira crise de fome, as crianças pediam comida, porém já não havia mais nada. Chico Bento procura algo nos bolsos, mas não encontra e a única solução foi pegar a própria rede e trocar por comida, pensava consigo que, "... antes dormir no chão do que ver os meninos chorando, com a barriga roncando de fome" (QUEIROZ, 2004, p.52). O pai volta com um pouco de alimento, que logo foi consumido rapidamente, mal deu pra enganar a fome, logo estavam pedindo mais e a mãe tentava consolar os filhos pedindo para dormirem.

O orgulho também faz parte das características de Chico Bento, posto que o alimento adquirido é fonte de seu próprio trabalho, o que seria humilhante ter que pedir ajuda a outras pessoas sem ter o que dar em troca. Mas num momento de aflição e necessidade há uma breve tentativa de pedido, contudo a vergonha toma de conta e o impede de ir além.

E a mão servil, acostumada à sujeição do trabalho, estendeu-se maquinalmente num pedido... Mas a língua ainda orgulhosa endureceu na boca e não articulou a palavra humilhante. A vergonha da atitude nova o cobriu todo; o gesto esboçado se retraiu, passadas nervosas o afastaram (QUEIROZ, 2004, p. 54).

Os gestos caridosos e o orgulho podem não ter trazido bons resultados para Chico Bento. Durante a caminhada, um de seus filhos, o Josias, tomado pela fome e por alguns minutos de descuido de seus pais, adentra numa roça e come mandioca crua, o que lhe causa envenenamento e o leva à morte.

Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz (QUEIROZ, 2004, p. 67).

Esse triste fim do Josias pode ter sido um adiantamento do seu futuro, que poderia ter sido pior diante dos castigos da seca e do destino cruel. Esta é a realidade do homem sertanejo que vaga por caminhos desconhecidos, assolados pela aridez e pela situação deplorável de vivência que ocasiona a fome e a perda de entes queridos, e mesmo assim são submetidos a seguirem adiante com a certeza de que estes não sofrerão mais com as desgraças da seca.

O momento mais marcante do romance se deu quando Chico Bento diante do cansaço e da fraqueza procura algo para saciar a fome da família, quando se depara

com uma cabra e a mata rapidamente, no entanto ele não esperava que o dono do animal o flagrasse e arrebatasse a carne das suas mãos.

Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas:
— Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome!...
— Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha!
A energia abatida do vaqueiro não se estimulou nem mesmo diante daquela palavra. Antes se abateu mais, e ele ficou na mesma atitude de súplica. E o homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-as para o vaqueiro:
— Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!...(QUEIROZ, 2004, p.72).

Nesse momento, Chico Bento se entrega à situação e implora por um pedaço de carne para alimentar sua esposa e seus filhos que não suportavam mais a longa caminhada, porém foi uma súplica sem sucesso, o dono da criação não se importou com o clamor do vaqueiro e levou o animal, deixando apenas as tripas sujas e sem sal, que serviram para alimentar a família.

A jornada permanecia cada dia mais difícil, Chico Bento percebe a ausência do filho mais velho, o Pedro, e parte em direção a Acarape com a esperança de que alguém soubesse do paradeiro do menino. Chegando ao vilarejo, Chico Bento procura o delegado, que por acaso era o seu compadre, Luiz Bezerra, que os convidou para entrar na casa e mandou procurar o Pedro, mas foi uma busca sem sucesso, pois os homens só conseguiram apurar que o menino tinha partido com um grupo de cargueiros de cachaça. Depois de sofrer a dor pela perda de um filho e passar fome e muitas dificuldades durante a retirada, Cordulina não tinha expectativas de um futuro melhor para sua família, acreditando que o filho seria mais feliz longe de um destino que não havia sido escolhido por ele.

A família diminuía a cada dificuldade posta pelo triste destino de retirantes, nesse momento eram apenas Chico Bento, Cordulina e seus três filhos. Com a ajuda do compadre, conseguiram uns trajes de roupas e umas passagens de trem para seguirem viagem até a capital Fortaleza, onde foram entregues num curral cheio de pessoas que estavam nas mesmas situações miseráveis da sua família. Gonçalves destaca que os emigrantes “chegavam à cidade em estado crítico de saúde, debilitados pela caminhada e pela desnutrição, demandados dos poderes

públicos” (GONÇALVES, 2006, p. 107). Ainda demoraram um pouco a assimilar aquele lugar de flagelo, mas logo se acostumaram à condição de exilado.

No mesmo atordoamento chegaram à Estação do Matadouro. E, sem saber como, acharam-se empolgados pela onda que descia, e se viram levados através da praça de areia, e andaram por um calçamento pedregoso, e foram jogados a um curral de arame onde uma infinidade de gente se mexia, falando, gritando, acendendo fogo.

Só aos poucos se repuseram e se foram orientando. Cordulina acomodou-se como pôde, ao lado do cajueiro onde tinham parado. Da banda de lá, um velho deitado no chão roncava, e uma mulher de saia e camisa remexia as brasas debaixo de uma panela de barro. Cordulina foi à sua trouxa, e tirou de dentro um resto de farinha e um quarto de rapadura, última lembrança da comadre Doninha. Deitado na areia, calçado com um pano, já o Duquinha dormia. Os outros dois metiam a mão na farinha engolindo punhados. Chico Bento olhava a multidão que formigava ao seu redor.

Na escuridão da noite que se fechava, só se viam vultos confusos, ou alguma cara vermelha e reluzente junto a um fogo. Tudo aquilo palpitava de vida, e falava, e zunia em gritos agudos de meninos, e estralejava em gargalhadas e em gemidos, e até em cantigas. E estendendo a vista até muito longe, até aos limites do Campo de Concentração, onde os fogos luziam mais espalhados, o vaqueiro sacudiu na boca uma mancheia de farinha que lhe oferecia a mulher, e procurando quebrar entre os dedos um canto de rapadura, murmurou de certo modo consolado:

— Posso muito bem morrer aqui; mas pelo menos não morro sozinho... (QUEIROZ, 2004, p. 92).

Talvez o que trazia um pouco de conformismo à família era saber que havia muitas pessoas que estavam passando pela mesma situação, pelo menos não estavam sós naquela desgraça de lugar, estes “flagelados emergem do sertão esturricado pela seca e pelo sol causticante, enchendo, primeiro, as estradas, depois as vilas e cidades sertanejas com a presença sombria de sua miséria” (RIBEIRO, 1995, p.348). Estavam excluídos da sociedade, pois os retirantes eram considerados os causadores de maior desordem, dessa forma, o governo instaurou o Centro de Concentração afastado da cidade para evitar o contato dos flagelados fugidos da seca da população denominada “saudável”. Morales ressalta que: “além de fisicamente precárias, essas construções apresentavam aspectos ainda mais graves: não atendia aos requisitos mínimos de higiene. [...] Com isso, a subnutrição associada a falta de asseio transformava Fortaleza num centro de doenças e morte (MORALES, 2002, p. 137). Uma forma que o estado encontrou para enfrentar essa

situação precária foi realizar a doação de alimentos, que por vezes eram desviados, deixando os mais necessitados cada vez mais em estado de miséria.

Agora, felizmente, estavam menos mal. O de que carecia era arranjar trabalho; porque a comadre Conceição bem via que o que davam no Campo mal chegava para os meninos.

Conceição concordou:

— Eu sei, eu sei, é uma miséria! Mas você assim, compadre, tão fraco, lá agüenta um serviço bruto, pesado, que é só o que há para retirante?!

Ele alargou os braços, tristemente:

— A natureza da gente é que nem borracha... Havendo precisão, que jeito? Dá pra tudo... (QUEIROZ, 2004, p. 103).

A comida era insuficiente para alimentar a família, então o vaqueiro pede ajuda a Conceição e sua avó, Dona Inácia, para que lhe consiga algum emprego. O trabalho foi obtido, tratava-se da construção de uma barragem, uma obra criada pelo governo com o objetivo de amenizar as necessidades da população migratória, porém Gonçalves afirma que essas construções:

[...] não possuíam qualquer planejamento em sua execução e ficavam à mercê das levadas de operários que chegavam do interior, pois eram efetivadas a partir de um sistema de mão-de-obra extensiva, baseado na imensa disponibilidade provocada pela destruição da agricultura de subsistência (GONÇALVES, 2006, p.116).

Era um trabalho sofrido e exaustivo, contudo no final do dia haveria um trocado para alimentar seus filhos e sua esposa. Entretanto, surgia uma nova decisão para a família, Conceição gostaria de cuidar do seu afilhado, cismando de que algo de pior poderia acontecer com o menino, mas se estivesse sob cuidados da sua madrinha possivelmente teria um futuro promissor.

Mais tarde, já deitados, Cordulina lhe falou, meio hesitante:

— Chico, a comadre Conceição, hoje, cansou de me pedir o Duquinho. Anda com um destino de criar uma criança. E se é de ficar com qualquer um, arranjado por aí, mais vale ficar com este, que é afilhado...

— E o que é que você disse?

— Que por mim não tinha dúvida. Dependia do pai...

— E tu não tem pena de dar teus filhos, que nem gato ou cachorro?

A mulher se justificou amargamente:

— Que é que se é de fazer? O menino cada dia é mais doente... Amadrinha quer carregar pra tratar, botar ele bom, fazer dele gente...

Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer, como o outro...

Chico Bento calou-se e ficou olhando uma estrelinha, quase no rebordo do horizonte, que esmaecia aos poucos, ao passo que alua vermelha, enorme e lustrosa, ia se levantando devagar.

Mas, detrás dele, a mulher insistiu:

— Que foi que você resolveu Chico?

Sem se voltar, fixando ainda a estrelinha moribunda, ele concordou:

—É... dê... Se é da gente deixar morrer, pra entregar aos urubus, antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro... (QUEIROZ, 2004, p.107-108).

O destino não contribuía para a mudança de vida da família, a mãe era obrigada a entregar o filho por medo de perder mais um, antes ver o filho vivo do que morto ou entregue ao descaso da vida pobre e sem garantia de sobrevivência. Sabia-se que sendo cuidado pela madrinha, Duquinha teria uma possibilidade de vida melhor, pois ele já se encontrava com a saúde debilitada e arriscar ficar com a mãe poderia ser fatal.

O trabalho na barragem se tornava escasso, Chico Bento teria que optar por outros recursos, a única solução seria migrar para outro estado. Com a migração surgiam novas oportunidades, sabendo que “além de aliviar a tensão social nos estados atingidos pela seca, os retirantes iriam povoar áreas de baixa densidade demográfica e fornecer ou complementar a mão-de-obra necessária ao desenvolvimento da economia do extremo norte e sul do país” (GONÇALVES, 2006, p. 118).

O destino inicial do vaqueiro seria o Norte, mas com os devaneios da vida, a morte do filho e o sumiço de outro desesperançou a sua esposa e talvez já não houvesse mais nada que a reanimasse. Dessa forma, Chico Bento procura mais uma vez Conceição e pede para que lhe ajude com sua esposa, pois já não dava mais para permanecer na capital. Sugerindo uma viagem para o Amazonas, Conceição o interfere dizendo que seria melhor parti para São Paulo, lá havia maiores meios de sobrevivência, havia empregos e um ótimo clima. Diante das circunstâncias, o governo realizou doação de “passagens para que a população pudesse migrar para outras províncias” (GONÇALVES, 2002, p.109). A comadre Conceição consegue as passagens de navio para que a família se deslocasse para o Sudeste.

Chico Bento fitava o navio, escuro e enorme, com sua bandeira verde de bom agouro, tremulando ao vento do Nordeste, o eterno sopro da seca. Sentia como que um ímã o atraindo para aquele destino aventuroso, correndo para outras terras, sobre as costas movediças do mar...

Conceição, chegando, precisou lhe tocar no ombro para o acordar da fascinação (QUEIROZ, 2004, p. 119).

A família seguiu para um lugar desconhecido, porém havia maiores chances de um futuro promissor “— Eu já tenho ouvido contar muita coisa boa do São Paulo. Terra do dinheiro, de café, cheia de marinheiro...” (QUEIROZ, 2004, p.115). Embora a vontade fosse de voltar para a terra natal, Chico Bento e Cordulina resistiram ao destino de retirante, repentinamente ressurgiu novas esperanças e a expectativa de melhoria de vida.

2.2 A morte como denúncia social: as relações de poder

O *quinze* apresenta imensa preocupação com o meio social, através da observação psicológica dos personagens, em especial a figura do homem nordestino que perante as forças naturais é impossibilitado de reagir às causas da seca. Há uma forte concentração com a temática da seca, das influências do coronelismo, do poder político e dos estigmas sociais frequentes na obra.

Na referida obra, a seca é caracterizada como uma catástrofe que transforma totalmente a vida do nordestino, causando o dilaceramento social e produtivo. Rachel de Queiroz descreve o quão forçada é o êxodo rural desse povo sofrido, o abandono das terras, do gado e a tentativa de sobrevivência quase impossível. O Nordeste é uma região conhecida como um lugar de carência, de clima semiárido, marcado pela religiosidade e crenças do seu povo, cada qual estruturado em sua própria ficção, estas características que são responsáveis pela influência regionalista.

As pessoas que fugiram da seca, por apresentarem estado de miséria e pobreza, eram vistas como algo negativo, necessitadas de emprego, de comida, de um lugar na sociedade e de um lugar para se viver. Parte da população sertaneja permanecera “concentrada nos terrenos baldios ou vagantes pelos campos, em busca de trabalho eventual ou de terra para lavrar em qualquer condição” (RIBEIRO, 1995, p. 353). Esses viventes passam a viver desumanamente, a dependerem dos

poderes políticos, a viverem perambulando em busca de um lugar onde possam repousar, trabalhar e viver de forma digna e justa.

A região Nordeste é a que mais sofre com longas estiagens, tornando esse fato o responsável pelo atraso da região e o maior causador de miséria e pobreza. A autora faz referência às dificuldades enfrentadas pelos proprietários de terra, porém esses não sofriram mudanças drásticas quanto àqueles que dependiam de um trabalho nessas propriedades. O fato era que, devido à escassez, os donos das fazendas não conseguiam sustentar nem o gado e nem os trabalhadores, então, os que eram desempregos teriam que retirar-se para outro estado, em busca de uma nova forma de sobrevivência.

As dificuldades intensificavam quando os menos favorecidos, os trabalhadores, que precisavam rumar para outro lugar, não conseguiam nenhum recurso para facilitar a retirada. Enquanto que os proprietários das fazendas dispunham de maior facilidade para se deslocarem para a capital e só retornavam após a seca acabar. Rachel de Queiroz empregou a temática da seca na tentativa de expor as circunstâncias enfrentadas pelo homem nordestino em relação aos acontecimentos naturais, agravando-se em sua total realidade humana.

Em meados do século XIX a seca passou a ser considerada pelos governantes como um problema nacional. Através dos transtornos causados pelos grupos de migrantes nas principais capitais do Nordeste, o governo Federal passou a dar assistência e planejar ações de retirada desses grupos de flagelados indesejáveis, causadores de pânico por consequência da falta de alimentos e proliferação de enfermidades nas cidades. Com essas ações os sertanejos permaneceram “nas mesmas condições precárias, cada vez mais indefesos em face de uma exploração econômica mais danosa do que as secas” (RIBEIRO, 1995, p.349). Assim se explica a realidade da desigualdade social a que são submetidos os menos favorecidos nesse país.

Diante das circunstâncias vistas pelos retirantes, a autora chama atenção para a falta de políticas públicas que sanassem o sofrimento e a dor do homem sertanejo causado pelas mazelas da seca, visto que o governo pouco se mobilizou no enfrentamento dos problemas ocasionados pela estiagem. As fontes de trabalho ofertadas eram na construção de açudes e barragens, na qual oferecia uma remuneração insuficiente para o sustento da família, além da criação dos Centros de Concentração, estes que não dispunham de atendimento necessário às famílias.

Os Centros foram criados com o objetivo de controlar a chegada dos retirantes do campo para a cidade, visando o distanciamento dessas pessoas com os centros urbanos. Para que isso fosse possível o estado providenciou a oferta de mantimentos e medicamentos que não eram suficientes, além de possuir abrigos em péssimas condições e sem segurança, mantendo as pessoas em aglomeração, excluindo-as da sociedade e dependentes do poder autoritário.

Raquel de Queiroz relata um fato relevante enfatizado num critério social, no momento em que Chico Bento decidiu partir com a família para a capital. O vaqueiro tentou obter as passagens de trem, mas foi informado que não havia mais bilhetes, pois o responsável pela venda havia cedido para outra pessoa, lucrando com o sofrimento dos desfavorecidos. Essas passagens seriam cedidas para os retirantes que não tinham condições de comprar, porém um ato de suborno causou danos irreparáveis na vida dessa família.

Mas foi em vão que Chico Bento contou ao homem das passagens a sua necessidade de se transportar a Fortaleza com a família. Só ele, a mulher, a cunhada e cinco filhos pequenos.

O homem não atendia.

— Não é possível. Só se você esperar um mês. Todas as passagens que eu tenho ordem de dar, já estão cedidas. Por que não vai por terra? [...]

Na porta, o homem ainda o consolou:

— Pois se quiser esperar, talvez se arranje mais tarde. Imagine que tive de ceder cinquenta passagens ao Matias Paroara, que anda agenciando rapazes solteiros para o Acre!

Na loja do Zacarias, enquanto matava o bicho, o vaqueiro desabafou a raiva:

— Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer! O Zacarias segredou: — Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuino... Anda vendendo as passagens a quem der mais... (QUEIROZ, 2004, p. 34-35).

Chico Bento foi vítima de um ato desonesto, e afirma “— Que passagens! Tem de ir tudo é por terra, feito animal! Nesta desgraça quem é que arranja nada! Deus só nasceu pros ricos!” (QUEIROZ, 2004, p. 36). A corrupção interferiu diretamente na vida do vaqueiro, por não ter condições de comprar os bilhetes, teve que se deslocar a pé com toda a família numa temível viagem, onde teve que suportar a morte e o desaparecimento dos seus filhos, além de passar por situações penosas em decorrência da seca.

Rachel de Queiroz ainda faz uma ressalva em relação à posição tomada pelo nordestino que ver-se obrigado a deixar sua terra natal por falta de recursos financeiros, de água, de emprego e de impossibilidade de sobrevivência. “Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse” (QUEIROZ, 2004, p.31). Chico Bento foi Atraído como muitos sertanejos que não tinha condição de sobreviver nas longas estiagens do sertão, onde eles fantasiavam que no Amazonas trabalhando na extração da borracha ou em São Paulo, cidade em desenvolvimento com a cultivação do café, haveriam de conquistar o desejo de subsistência.

Lá de cima, a Moça os ficou vendo ir, novamente agarrados, sempre fitando o mar, com os mesmos olhos de ansiedade e de assombro. lam para o desconhecido, para um barracão de emigrantes, para uma escravidão de colonos... lam para o destino, que os chamara de tão longe, das terras secas e fulvas de Quixadá, e os trouxera entre a fome e morte, e angústias infinitas, para os conduzir agora, por cima da água do mar, às terras longínquas onde sempre há farinha e sempre há inverno...(QUEIROZ, 2004, p. 120).

Em *O quinze*, o destino de retirante torna-se obscuro, no qual não se sabe ao certo o desfecho desses resistentes que enfrentaram diversas consequências, desde a saída do campo, até as mais difíceis decisões de doar o pouco que tem e render-se ao destino que lhes foi determinado. Como afirma Walty: “A visão de mundo das pessoas varia de acordo com o lugar que cada um ocupa no espaço geográfico, social, político, econômico, etc” (WALTY, 1985, p.19). Portanto, não há certeza de (sobre) vivência ou de sucesso, há apenas a tentativa de conquistar um futuro favorável e benéfico para o seu amparo.

Benjamim ressalta que: “A morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar [...] suas histórias remetem à história natural” (BENJAMIM, 1975, p. 208). Diante de todas as adversidades vivenciadas pela seca, a morte passa a ser considerada por esses sobreviventes como algo natural, justificando que “esse negócio de morrer menino é besteira... Morre quando chega o dia, ou quando Deus Nosso Senhor é servido de tirar...” (QUEIROZ, 2004, p.112). Todos os acontecimentos enfrentados pelos viventes da seca são apontados como obra divina e do destino cruel, onde não há culpados, no entanto a vida passa a ser retratada na sua total realidade. Nesse sentido, a morte pode ser entendida como uma forma de

resistência diante do sofrimento de quem já não tem forças para enfrentar as adversidades da vida.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões ao longo deste trabalho, percebe-se, através dos argumentos estudados, que a seca figura-se como a principal representação do romance, sendo assim a marca principal da obra *O quinze*. O sertão é representado dentro da narrativa com a intencionalidade de despertar discussões acerca dos problemas sociais, políticos e econômicos da região Nordeste. Dessa forma, reflexões e sentimentos são produzidos na obra em questão com o objetivo de causar inquietações nos leitores, apresentando gradualmente as características da região e adentrando no íntimo dos seus personagens.

Rachel de Queiroz não menciona os objetivos dos programas criados pelos poderes governamentais para a reparação dos danos causados pelo fenômeno da estiagem, apenas cita o Campo de Concentração a partir da representação dos indivíduos, revelando suas emoções mais íntimas e seu sofrimento mais profundo. Contudo, sua produção alcançou grande prestígio na literatura regionalista, despertando a curiosidade do leitor. Numa comunidade prevalecta de autoritarismo e de tradicionalismo disfarçado de projetos progressistas, a expressão utilizada pela autora mostra as dificuldades encaradas pelos sertanejos expulsos de sua terra pela classe latifundiária.

Entretanto, Rachel de Queiroz ao lado de autores regionalistas, aponta para a representação do cenário Nordestino, impulsionando seus leitores para uma região necessitada de atenção e exteriorizada de recursos governamentais, propondo ao leitor um conhecimento referencial dessa região. Faz-se uma apresentação da natureza e o apego do sertanejo à sua região, expondo o afastamento do homem do seu espaço habitual, separação essa que é motivada pelos problemas sociais do Nordeste. Revela a dificuldade de adaptação desses emigrantes saídos do campo para os grandes centros urbanos do Brasil.

Embora tenha sido publicada no ano de 1930, a obra dispõe de aspectos semelhantes com a atual situação da região, onde ainda há fome, miséria, opressão e descasos políticos. Mesmo com alguns programas sociais disponíveis, até então,

parte da população prevalece de deslocamento, anseia por chuva e por trabalho digno que seja suficiente para a sua sobrevivência. Dessa forma, a figura do homem sertanejo é caracterizada pela sua força, pela sua esperança e pela persistência em permanecer ativo, independentemente da situação em que se encontra.

Com base nos estudos realizados, vale salientar que apesar da obra estar concentrada num dado período histórico, a literatura não pode estar determinada a uma comparação com o mundo real, mas efetivamente pela competência e experiência do autor para a construção da realidade, através da sua criatividade tornar sua produção algo significativo e cultural. Contudo, as discussões em torno da obra não se esgotam na perspectiva deste trabalho, visto que a temática permanecerá aberta para novas reflexões.

Abstract

Political and Social Aspects in *O quinze* by Rachel de Queiroz: a representative analysis about Chico Bento's character.

This article has as main objective to promote a discussion about the social aspects that are mentioned in the book titled *O quinze* by Rachel de Queiroz, highlighting the migrant's performance in Brazilian literature and the relationship between the fictional work and the real world. The author of that work starts from 30's, a movement that gave rise to the regionalist novel whose goal is to direct the attention to social problems in the Northeast. *O quinze* brings up the country man's escape and the quest for survival, moreover, denounces the negligence of public power with the less fortunate people, especially those from northeastern of our country. This study used as a support the theoretical reflections of Benjamin (1975), Bosi (2006), Gonçalves (2006), Ribeiro (1995), Walty (1985), among others. It is expected that this article can broaden the discussion about social problems of the past and those ones that still have an impact in the lives of many families in the northeast.

Keywords: *O quinze*. Migrant. Social Aspects.

REFERÊNCIA

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BENJAMIM, Walter. O narrador In: **Os pensadores**. Trad. Otília B. F. Arantes. São Paulo: Abril Cultura, 1975.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

COSTA, Liduina Farias Almeida da. **O sertão não virou mar**: nordestes, globalização e imagem pública da nova elite cearense. São Paulo: Annablume, 2005.

GONÇALVES, Paulo Cesar. **Migração e mão-de-obra**: retirantes carences na economia cafeeira do Centro-Sul (1877-1901). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

MORALES, Lúcia Arrais, **Vai e vem, Vira e volta**: as rotas dos soldados da borracha. São Paulo: Annablume, 2002.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 74. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

RIBEIRO, Darcy, **O povo brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VENTURA, Roberto. Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha In: BRAIT, Beth (org.). **O Sertão e os Sertões**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

WALTY, Ivete Lara Camargos. **O que é ficção**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.